



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X
Volume II, número 2, jul-dez, 2021, pág. 529-541.

SENTIDOS E SIGNIFICADOS NO DISCURSO DE DOCENTES EM ESCOLA PÚBLICA: A VIVÊNCIA DO SOFRIMENTO PSÍQUICO

Janderson Costa Meira
Ewerton Helder Bentes de Castro

Resumo

O sofrimento psíquico está muito presente nas relações estabelecidas nas escolas de modo geral. O sofrimento psíquico do professor está relacionado a diversos fatores que podem estar fora do ambiente escolar, mas que interagem com ele, como a questão da remuneração, por exemplo, ou os fatores referentes à própria dinâmica da função de professor, como a indisciplina dos discentes. O estudo visa investigar a possibilidade de sofrimento psíquico entre os professores do ensino básico da rede pública municipal de ensino. Foi utilizado o método fenomenológico de pesquisa em Psicologia e a análise das entrevistas áudio gravadas a partir de Martin Heidegger. O sofrimento psíquico está ligado a inúmeras variáveis que afetam o equilíbrio mental do professor. Contudo, permeando a atividade laboral do professor, caminha junto com essas dificuldades a esperança por fazer o melhor por esse aluno. O professor toma para si a responsabilidade, apesar de algumas vezes não ter o apoio familiar, e compromete-se com o processo de ser-professor-e-educador, colocando em prática a característica devocional relacionada ao exercício do magistério. Alguns se frustram, é verdade. Entretanto a maioria dos participantes deste estudo mostrou-se aberta, no sentido existencial, ao assumir de forma autêntica esse métier tão desvalorizado em nosso país e, mesmo diante das agruras, fica feliz por seus alunos conseguirem atingir determinado patamar na vida.

Palavras-chave: Sofrimento psíquico, escola pública, docentes, método fenomenológico, psicologia fenomenológico-existencial

Abstract

Psychic suffering is very present in the relationships established in schools in general. The teacher's psychological suffering is related to several factors that may be outside the school environment, but that interact with him, such as the issue of remuneration, for example, or factors related to the dynamics of the teacher's role, such as the indiscipline of the students. The study aims to investigate the possibility of psychological distress among primary school teachers in the municipal public school system. The phenomenological method of research in Psychology and the analysis of audio interviews recorded by Martin Heidegger were used. psychological distress is linked to numerous variables that affect the teacher's mental balance. However, permeating the teacher's work activity, along with these difficulties, there is hope for doing the best for this student. The teacher takes responsibility for himself, although he sometimes does not have family support, and is committed to the process of being-teacher-and-educator, putting into practice the devotional characteristic related to the exercise of teaching. Some are frustrated, it is true. However, most of the participants in this study showed themselves to be open, in an existential sense, when they genuinely took on this depreciated métier in our country and, even in the face of hardships, they are happy that their students can reach a certain level in life

Keyword: Psychic suffering, public school, teachers, phenomenological method, phenomenological-existential psychology



Introdução

A situação em que se encontra o professor do ensino básico no Brasil é notória e de domínio público, amplamente difundida pelos meios de comunicação de massa, seja de forma informativa e até de forma jocosa em piadas em programas humorísticos, como um famoso programa desse estilo, que “brincava” com a quantidade da remuneração recebida do professor de escola do ensino básico brasileira.

O que se pode perceber com esses tipos de manifestação da imprensa e dos meios de comunicação de massa é que há uma preocupação com a qualidade da educação pública oferecida aos contribuintes brasileiros. Nesse anseio por uma educação de qualidade, a figura do professor tem grande importância. Importância essa que pode ser medida por meio dos conteúdos das manchetes dos veículos de comunicação, que, na maioria das vezes, procuram denunciar as mazelas que assolam os professores e denunciar os profissionais que desviam da essência do papel que deveriam estar cumprindo.

A visão disseminada pelos meios de comunicação de massa é para que as pessoas tenham noção da problemática experienciada e que só pode ser compreendida com maior densidade por aqueles que estão envolvidos cotidianamente com o ofício de professor de escola pública do ensino básico. Assim, pesquisar esse tema direciona-nos às problemáticas intraescolar e extraescolar que contribuem para que o professor sofra psicologicamente.

No Brasil, as pesquisas referentes às condições de trabalho e à saúde mental e física dos docentes da educação básica pública ganham maior densidade em termos numéricos a partir do ano de 1999 (REIS, CARVALHO, ARAÚJO, PORTO & SILVANY NETO, 2005; PENNA, 2008; SILVA, LOPES & DINIZ, 2008; RABELO, 2010). Vale mencionar que nesse período houve um aumento significativo de matrículas na escola pública de ensino básico, aumento esse resultado da universalização do ensino, proporcionada pelo programa Toda Criança na Escola, do então presidente Fernando Henrique Cardoso (1994-2001).

Por meio desse programa, a quantidade de crianças matriculadas na escola aumentou, entretanto pouco se preocupou com a qualidade da educação que seria



oferecida a esses estudantes. Tal expansão só precarizou ainda mais a educação brasileira, e mais ainda o professor que foi trabalhar em escolas com estruturas deficientes e com um baixo salário.

Pesquisas relacionadas ao sofrimento psíquico e à saúde mental do professor surgem a cada ano. Elas procuram indicar os fatores que contribuem para o sofrimento psíquico do professor e para adoecê-lo mentalmente. A problematização dessa situação visa a refletir sobre a condição do professor na escola pública de ensino básico e as condutas da educação pública básica, a fim de melhorá-la.

O sofrimento psíquico do professor está relacionado a diversos fatores que podem estar fora do ambiente escolar, mas que interagem com ele, como a questão da remuneração, por exemplo, ou os fatores referentes à própria dinâmica da função de professor, como a indisciplina dos discentes.

Essa pesquisa foi realizada com 10 professores, sendo cinco homens e cinco mulheres, de duas escolas públicas municipais na cidade de Manaus. Fato que, de certa maneira, poderia restringir a problemática a Manaus e às escolas públicas municipais. No entanto, a realidade que se observa com base nos meios de comunicação de massa e dos estudos pesquisados para realizar essa pesquisa mostra que a realidade dos professores da escola pública municipal está interligada a outras escolas públicas deste país, já que o descaso pelo ensino básico público é uma constante para o poder público de forma geral.

O desafio de educar: a experiência do sofrimento

O processo de educar é um dos aspectos mais importantes na vida do homem. Requer, daquele que está na condição de educador, uma abertura, no sentido de desenvolver suas atividades de forma construtiva, buscando o desenvolvimento do seu alunado. Contudo é levado à conta de desafio, haja vista que, permeando a ação educativa, encontramos o sofrimento, o estresse, o desestímulo diante da indisciplina e a precariedade da infraestrutura. Assim, um dos participantes ressalta: *“é um grande desafio, [...] a questão da indisciplina é muito forte, é estressante, cansativo é bastante diário (de classe), muitas turmas e isso torna o trabalho estressante (D).”*



A atividade do docente em escola pública está permeada por uma série de situações que culminam em um elemento bastante comentado pela mídia: *o estresse*. Assim, esse fator cerceia, limita, apresenta um componente emocional cujo resultado é o sofrimento psíquico vivenciado sob a forma de cansaço, desestímulo. Considerando que a escola é um ambiente no qual transitam diariamente, ou seja, faz parte do mundo circundante dos professores, a vivência desse espaço torna-se plena de significados negativos relacionados à instituição. Dessa forma, o ser-no-mundo sendo professor de escola pública, no caso da fala acima apresentada, é de fechamento em si mesmo, apenas “fazendo” seu trabalho de forma a não esgotar-se mais física e mentalmente.

Convém ressaltar ainda que a escola, enquanto instituição, é composta por um sem-número de atores sociais, a saber: alunos, docentes, gestores, servidores etc. E, em um ambiente cuja característica é a de causar sofrimento, a relação com-o-outro não seria diferente. O mundo das relações mostra-se comprometido “*é difícil... A questão do comportamento da juventude, a falta de educação, a educação que o individuo trás de casa, de você ter que engolir muito sapo, causa desconforto*” (E). Ou como revela um dos participantes: “*você tem que ser um artista para ser professor da escola pública [...] nem todos os alunos dispõe de livros... é essa falta de interesse de alguns alunos que me deixa muito estressada*” (M).

Ser-professor-em-escola-pública é designativo de adentrar em sofrimento psíquico em decorrência de uma série de fatores que, em conjunto, provocam a angústia no exercício profissional. Os professores, como ser-no-mundo, existem em relação com o outro, seja o aluno, outros docentes, pais e superiores hierárquicos, compreendendo as suas experiências, atribuindo-lhes significados e, a todo instante, tentam manter suas características individuais e sua dignidade existencial. Contudo, quando em sua cotidianidade imediata vivenciam a angústia sob a forma de pressões contínuas, diárias, fica estabelecido o sofrimento psíquico, uma vez que a angústia se instala e pulveriza em suas ações a tristeza, a dor pelo outro, e se vê envolto por um trabalho de difícil execução.



Materiais e métodos

Pesquisa sob o viés qualitativo, utilizando o método fenomenológico de pesquisa em Psicologia (Giorgi & Souza, 2010; Pereira & Castro, 2019). Foram colaboradores 10 docentes de escolas públicas municipais na cidade de Manaus, sendo 5 homens e 5 mulheres. A entrevista foi áudio gravada e partiu da seguinte questão norteadora: “Gostaria que você me dissesse como é ser docente em escola pública”. A análise das entrevistas foi realizada a partir do referencial teórico de Martin Heidegger (2013), especificamente na obra *Ser e Tempo*.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas e seguiu todas as premissas da resolução CNS 466/16.

As vivências docentes: à guisa de compreensão

Diante das pressões no dia a dia, o professor acaba tomando uma postura diferente daquela que gostaria de ter, caracterizada pela atitude benevolente em prol de uma educação de qualidade e compromissada. Dentro dessa configuração, vemos esse professor agindo de acordo com as exigências de rendimentos, solicitadas por figuras hierárquicas superiores, e incapaz de agir de forma satisfatória diante de atos de indisciplina dos discentes, devido a uma legislação permissiva.

É notório que o professor é um ser imerso num oceano de inautenticidade, e os momentos em que ele consegue sentir a autenticidade de sua função são vivenciados diante da certeza de que o resultado de seu trabalho foi de alguma forma alcançado. Esse resultado é refletido na demonstração de interesse por uma parcela dos estudantes, nos resultados favoráveis em provas, concursos e obtenção de empregos e, muitas vezes, na sua demonstração sincera e desinteressada. Como disse um professor: *“quando um aluno teu passou num processo seletivo, no vestibular; quando você termina a aula e olha para os rostos dos alunos e viu que realmente aquilo ali foi realmente bom para eles... como pai, você não pode desistir do filho”* (E).

"Ser-no-mundo é morar no mundo", e não estar tenuamente ligado a ele. "Ser", para Heidegger (2013), é ser dentro das próprias possibilidades: é fazer-se ser. Alguns aceitam as coisas assim como são, sobrevivem apenas, "vivem" o seu cotidiano sem grandes inquietações, sem voltar-se para si mesmos. Outros, ao contrário, "existem",



testam os limites da vida, lançam perguntas, indagam, enriquecem o ser, angustiam-se, querem fugir do tédio e da ansiedade, sensibilizam-se; esse modo de ser o autor caracteriza como autenticidade.

Alguns professores vão além do propósito que lhes pede a instituição escolar. Conseguem perceber a dimensão do cuidado. São-com-o-outro, uma vez que têm um olhar sobre a relação professor-aluno que extrapola a normatização prevista. A vivência do cuidado na relação com o outro é expressa: *“a gente sempre tá criando, improvisando e criando o tempo inteiro em sala de aula para tornar nossas aulas interessantes para que nossos alunos busquem, para que nossos alunos pesquisem [...] busco os temas para os alunos se interessam”* (M).

Assim, ser-no-mundo-sendo-professor de escola pública, mesmo diante de situações que causam sofrimento, é permitir-se cuidar, que segundo Castro (2009) está caracterizado como zelo, desvelo, ser-com-o-outro. Assim, o ser-professor enquanto ser-de-cuidado é exercer a solicitude para com o outro no sentido de doação, de perceber a dificuldade do aluno e ir ao seu encontro, importar-se com o que está ocorrendo e, conseqüentemente, propiciar desenvolvimento e crescimento.

Observa-se aqui a vivência da preocupação enquanto condição existencial de ser-com, a preocupação libertadora, em que o professor possibilita ao aluno as condições para que ele possa crescer, assumir suas escolhas, de tal forma que a partir dessa relação o aluno se posicione e aproprie-se da tarefa de ter de ser e de poder ser. É, em realidade, uma atitude que imprime a mudança necessária para que o outro tome para si o responsabilizar-se por seu crescimento.

É notório para todos que a maioria das escolas públicas é precária no que se refere à infraestrutura. Matérias dos grandes meios de comunicação, sejam faladas ou escritas, abordam continuamente essa situação. Problemas como salas não climatizadas, falta de cadeiras e mesas, cadeiras quebradas, falta de subestações, pincéis e apagadores, de livros didáticos e projetores, são alguns problemas que atingem o desenvolvimento de uma boa aula desenvolvida pelo docente, caracterizando a dificuldade que o educador encontra para realizar um bom trabalho.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

A infraestrutura das escolas, ainda não oferece condições para que você realmente possa desenvolver um bom trabalho... a questão das escolas, elas não estarem preparadas para o ambiente educacional, hoje em dia, a gente vive num mundo da tecnologia avançada e você ainda é obrigado a se deparar com o pincel, ou seja, a educação não acompanha o mundo da realidade de hoje (E).

Espacializar, termo heideggeriano que consiste no modo como o homem vivencia o espaço em sua existência. Apesar de buscar objetivar a espacialidade, localizando e denominando tudo o que encontra – lugares e coisas –, a vivência do espaço, em seu sentido mais profundo e originário, não está limitada a essas objetivações, haja vista a espacialidade possuir outras qualidades que se manifestam na vivência cotidiana pré-reflexiva. Assim, o espacializar não remete somente ao momento atual, mas a locais vividos anteriormente, e também àqueles que alguém deseja ou receia vir a experimentar. Não nos limitamos ao estar aqui, mas o estar aqui inclui ainda o ter estado lá e o poder vir a estar lá, reunidos em uma compreensão totalizante. Isso caracteriza a expansividade do espacializar, uma vez que ultrapassa os limites do próprio corpo e do ambiente concreto circundante (CASTRO, 2009).

Nesse caso, ser-professor-em-escola-pública remete à sua pré-ocupação, o ser-em heideggeriano, à estrutura onde desenvolvem suas atividades profissionais, onde ressaltam a diferença existente entre os vários ambientes que trabalham e, principalmente, à falta contínua de infraestrutura, que surge em seus discursos como um elemento que causa sofrimento e estranheza. É quando o mundo circundante, concebido por Forghieri (2011) como a relação do homem com o ambiente, torna-se hostil, implicando no efetivo processo do sofrer e do angustiar.

Um dos principais problemas que o docente tem de lidar na sua prática pedagógica é a questão da indisciplina por parte dos alunos. Indisciplina essa potencializada por uma cultura de impunidade que está calcada na inércia da gestão escolar e do apoio pedagógico, na negligência dos pais em estabelecer limites a seus filhos e na falta de uma legislação dentro da escola que fomente um modelo de disciplina a ser seguido. Tudo isso resulta em alunos cada vez mais indisciplinados e que se esquecem de seu papel no contexto escolar, resultando no desafio à autoridade do docente, por meio de atos inapropriados ao ambiente de sala de aula. Atualmente, é comum a agressão verbal e física contra professores e contra colegas de escola, por



parte dos alunos, entre outras atitudes. E na concepção dos próprios docentes, esse é um fator de origem do sofrimento psíquico no trabalho docente, conforme revelou um dos professores: *“às vezes o indivíduo, ele te agride de forma propositada, em casos que acontece com os alunos [...] você se sente agredido, ofendido por atitudes e por palavras e isso te dá dor de cabeça, fica angustiada”* (E).

O ser-com-o-outro – o mundo das relações – é ontologicamente compreendido como junto aos outros homens, é inerente à constituição fundamental da existência como ser-no-mundo. Isso significa dizer que o mundo, enquanto horizonte de sentido, deve ser entendido sob o seguinte aspecto: as coisas vêm ao nosso encontro numa rede de referências que lhes designa os significados, da mesma forma, os outros vêm ao nosso encontro a partir de um contexto específico de sentidos. No dizer de Heidegger (2013), *“mesmo o estar só é ser-com, no mundo. Somente “num” ser-com e “para” um ser-com é que o outro pode faltar. O estar só é um modo deficiente de ser-com”*.

A vivência cotidiana dos docentes é permeada pelo ser-com-os-alunos, esse é o seu mundo das relações. Contudo essa con-vivência toma um direcionamento difícil, uma vez que, nesse processo, o professor se sente desrespeitado e invadido em sua condição de ser. Diante disso, o sofrimento psíquico instaura-se e as relações ficam comprometidas. Comprometimento esse que leva o professor a assumir uma postura funcional inautêntica para não causar nenhum conflito no seu ser-com-os-estudantes. A postura passiva e de não enfrentamento é o meio encontrado para não adentrar em conflitos. No entanto, o professor, ao escolher existir dessa forma, preocupa-se com o que pode vir-a-ser em relação à sua pessoa e à de seus companheiros, sofre pela incapacidade de não agir da forma que deseja e sente a angústia dessa situação, chegando a um estado de adoecimento existencial, fato que leva muitos professores a desenvolverem doenças de ordem física e mental.

Por meio dessa conjuntura comprometida e das possibilidades de lidar com ela, os professores, diante do que caracterizam como falta de respeito ao outro, acabam por desenvolver sintomatologias variadas, tais como dores de cabeça, tonturas, estresse e, finalmente, desânimo.

A indisciplina dentro das escolas é uma atitude fomentada por discentes que, muitas vezes, não tem uma noção bem definida do que é certo e errado, do que se deve



fazer e o que não se deve fazer. A partir disso, percebemos que algo tão importante está sendo negligenciado pelos pais. A negligência também é perceptível na ausência de boa parte dos responsáveis nas reuniões de pais e mestres e na falta de acompanhamento da vida escolar dos seus filhos, resultando, por parte do docente, na sensação de que alguém precisa fazer alguma coisa pelos discentes, e na instituição escolar tomando para si a responsabilidade lançada pelos pais. Diante dessa figura ausente, que tem a responsabilidade de indicar o certo e errado e o que deve e o que não ser feito, o professor deve agir mostrando o caminho do que é certo e do que é permitido. Processo esse que não é fácil, pois para o discente acostumado à falta de limites em casa, a figura do professor é uma figura sem nenhuma legitimidade para corrigi-lo.

O professor do Brasil contemporâneo, do século XXI, precisa lidar com discentes que, muitas vezes, não sabem a noção de limites e não têm a noção bem definida de qual é o seu papel dentro do ambiente escolar. Esses discentes, por meio de seus comportamentos equivocados, acabam reproduzindo o espaço privado no espaço público, descaracterizando a funcionalidade do ambiente escolar.

Nessa conjuntura, em que os discentes não tiveram contato com a cultura, no sentido mais germânico do termo, ou com a civilização, no sentido mais francês do termo (MOURA, 2009), o papel de professor vai ganhar a amplitude de educador. O professor agora será responsável por instaurar a cultura e a civilização, com a finalidade de poder exercer aquilo que é correspondente à sua autenticidade funcional.

A preocupação e o cuidado relativos ao ser-professor-e-educador é constante e será dessa forma, pois o professor só se reconhece como ser autêntico na medida em que consiga causar a transformação mental nos discentes, na medida em que os discentes transcendam o senso comum por meio dos saberes explanados pelo professor.

O professor, assumindo o ser-professor-e-educador, reconhece a sua essência funcional, que é a causa da transformação mental do discente, uma transformação que ele mensura como útil dentro da dinâmica da vida em sociedade. Na medida em que ele a cumpre, confirma a sua essência funcional, já que acredita que o discente possa, em um tempo futuro, tornar-se um cidadão de bem ou uma pessoa que contribua beneficentemente para a sociedade. Esse ser-professor-e-educador espera que seus



discentes transcendam cada etapa e dificuldade da vida escolar para ser alguém que possa viver de forma integralizada com a sociedade.

Percebe-se que legitimidade é diretamente proporcional à autenticidade, no sentido da vivência do cuidado, aqui compreendido como o antepor-se ao outro (HEIDEGGER, 2013), propiciando, dessa forma, a possibilidade de crescimento do outro em sua cotidianidade imediata.

A vida dos professores na escola pública é marcada por alegrias e tristezas. Alegrias pelo sentimento do dever cumprido, refletido em sucessos dos alunos, e tristeza com a situação absurda de indisciplina, falta de estrutura das escolas, comodismo, adaptação e desesperança. Lidar com as tristezas da profissão requer um grande esforço mental por parte do professor, pois é um exercício diário para não deixar que os fatores negativos da profissão predominem sobre o seu equilíbrio mental. Diante disso, muitos professores procuram não pensar em seus problemas, nem levá-los para as suas residências. Muitos, quando chegam ao final de semana, descansam bem para enfrentar novamente a semana de trabalho. Outros, por sua vez, não suportam a carga negativa da sala de aula e ausentam-se do trabalho.

O mundo pessoal diz respeito à relação que o indivíduo estabelece consigo mesmo, é o ser-si-mesmo, na consciência de si e no autoconhecimento. São as situações que a pessoa vivencia, sua relação com o mundo circundante e com os outros, que possibilitará a atualização de suas potencialidades, outorgando-lhe as condições necessárias para ir se descobrindo e reconhecendo quem é.

O mundo pessoal é também conhecido como “mundo próprio”. Segundo Forghieri (2011), é caracterizado pela significação que as experiências têm para a pessoa e pelo conhecimento de si e do mundo, e sua função peculiar é o pensamento. A importância do mundo pessoal é a sua relação com a reflexão, que servirá para reavaliar e ressignificar aspectos da existência.

O professor está constantemente evocando o seu “mundo próprio” para refletir sobre o seu ser-professor, que é marcado pelos seus sucessos e pelas mazelas do seu trabalho. Apesar de todo o cenário desanimador, muitos persistem de forma resiliente em um ambiente de trabalho desaconchegante e hostil, pois acreditam na funcionalidade do seu trabalho e em uma reversão do quadro instaurado. Essa crença em uma melhora



significativa da educação é ainda um dos elementos para que o professor continue sendo professor.

Assim, percebe-se o envolvimento desses professores em reequacionar a sua forma de ser no ambiente de trabalho. Apesar do sofrimento que vivenciam, conseguem perceber a importância de sua atuação no sentido do crescimento e desenvolvimento humano dos discentes.

Considerações Finais

O trabalho aqui apresentado procurou investigar a possibilidade de sofrimento psíquico entre os professores do ensino básico da rede pública municipal de ensino. Tal possibilidade se demonstrou fato, à medida que fomos entrevistando os professores. Percebemos que o resultado encontrado na cidade de Manaus não se encontra isolado dentro do universo dos municípios e estados que compõe a União.

Uma realidade que se configura em âmbito nacional, construída em anos de história, a partir do surgimento da América portuguesa, prolongando-se com a emancipação do Brasil e com o advento e desenvolvimento da República. A imagem primordial construída em relação ao professor é associada ao sacerdócio. Uma imagem incorporada com o intuito de fazer com que as pessoas que viessem ao magistério aceitassem os baixos salários atribuídos pelo poder público, e dessa forma começa o desprestígio do professor.

Fatores ligados à dinâmica escolar ficaram evidenciados e, dentre eles, podemos destacar: o estresse diante de tanta responsabilidade; a agressividade e a indisciplina por parte dos discentes; a questão da infraestrutura escolar.

A indisciplina leva o professor a um esforço além do necessário, pois o tira do repertório de aula planejado para aquela situação e o leva a assumir outras condutas para conter a desordem, condutas essas que comprometem o equilíbrio emocional – como chamar a atenção dos alunos, parando várias vezes a aula – e, conseqüentemente, afetam de forma negativa a saúde mental do docente.

Outro elemento preocupante é a violência, que também atrapalha a dinâmica das aulas, caso seja dentro da sala de aula, e afeta psicologicamente o professor. Essa violência também pode ser contra o docente e, na maior parte das vezes, apresenta-se como



agressões verbais por parte dos discentes. Esse fato é bastante importante, pois acaba atingindo o aspecto emocional do professor, que se prepara para dar uma boa aula e tem que escutar desaforos por parte dos estudantes. Esse tipo de violência faz com que o professor fique cada vez mais triste e desacreditado com o magistério, o que acaba provocando um sofrimento psíquico.

Outro aspecto intraescolar importante é a questão da infraestrutura, marcada principalmente pela ausência e pela falta. Essa situação acaba atingindo o corpo do professor, causando a sensação de desconforto e o sofrimento psíquico.

Como desenvolver uma boa prática pedagógica diante de tantos problemas? Essas faltas prejudicam o exercício profissional, dificultando o desenvolvimento das atividades e fazendo com que o professor se sinta desmotivado.

Como podemos observar, o sofrimento psíquico está ligado a inúmeras variáveis que afetam o equilíbrio mental do professor. Contudo, permeando a atividade laboral do professor, caminha junto com essas dificuldades a esperança por fazer o melhor por esse aluno. O professor toma para si a responsabilidade, apesar de algumas vezes não ter o apoio familiar, e compromete-se com o processo de ser-professor-e-educador, colocando em prática a característica devocional relacionada ao exercício do magistério. Alguns se frustram, é verdade. Entretanto a maioria dos participantes deste estudo mostrou-se aberta, no sentido existencial, ao assumir de forma autêntica esse métier tão desvalorizado em nosso país e, mesmo diante das agruras, fica feliz por seus alunos conseguirem atingir determinado patamar na vida.

Referências

CASTRO, E. H. B. **A experiência do diagnóstico**: o significado no discurso de mães de crianças com câncer à luz da filosofia de Martin Heidegger. 182f. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto: Ribeirão Preto, 2009.

FORGHIERI, Y. C. **Psicologia fenomenológica**: fundamentos, métodos e pesquisas. São Paulo: Pioneira, 2011.

GIORGI, A. & SOUZA, D. **Método fenomenológico de investigação em psicologia**. Lisboa: Fim do Século, 2010.

PEREIRA, D. G. & CASTRO, E. H. B. O método fenomenológico de pesquisa em Psicologia. In: CASTRO, E. H. B. (Org.). **Fenomenologia e Psicologia**: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa. Curitiba: Appris, 2017. p. 43-47.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.

MOURA, C. O advento dos conceitos de cultura e civilização: sua importância para autoimagem do sujeito moderno. **Filosofia Unisinos**. 10 (2), p. 157-173, maio/ago., 2009.

PENNA, M. G. O. Exercício docente na escola: relações sociais, hierarquias e espaço escolar. **Educação e pesquisa**. v. 34, n. 3, p.557-569, São Paulo, 2008

RABELO, A. O. A remuneração do professor é baixa ou alta: uma contraposição de diferentes referenciais. **Educação em revista**, v. 26, n. 1, p. 57-88, Belo Horizonte, abr. 2010.

REIS, E. J. F. B.; CARVALHO, F. M.; ARAÚJO, T. M.; PORTO, L. A.; SILVANY NETO, A. M. Trabalho e distúrbios psíquicos em professores da rede municipal de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Saúde Pública**, v. 21, n. 5, p. 1480-90, Rio de Janeiro, set./out. 2005.

SILVA, J. M. O.; LOPES, R. L. M.; DINIZ, N. M. F. Fenomenologia. **Revista Brasileira de Enfermagem**. v. 61, n. 2, Brasília, mar./abr. 2008.

Recebido: 30/9/2020. Aceito: 11/12/2020.

Autores

Janderson Costa Meira- Gestor de Recursos Humanos pela UNIP – Manaus. Graduando em Psicologia pela Escola Superior Batista do Amazonas (ESBAM). Membro do Labfen.. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9145-6465>
E-mail: jandersoncosta336@gmail.com

Ewerton Helder Bentes de Castro- Doutor em Psicologia pela FFCLRP/USP. Docente do curso de graduação e pós-graduação em Psicologia FAPSI/UFAM. Coordenador do Labfen. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2227-5278>
E-mail: ewertonhelder@ufam.edu.br